

William Wroblewski Abrantes, 35 anos, é músico, casado, e desde outubro de 2019, pai de uma filha. Chama-se Inês. Voltou de França para a terra dos seus ancestrais. Comprou em 2018 um terreno de 5.000 m2 no Sítio do Cano, em Monchique, para se instalar como agricultor biológico. Começou a limpar o terreno, que estava abandonado há 13 anos. Dez dias depois da escritura o seu terreno ardeu no incêndio de 5 de agosto de 2018 - árvores de fruta, mas também bens como ferramentas, o reboque, material de gravação de música, discos duros e os trabalhos criativos de toda a sua vida...

William escreveu a Monchique Alerta no dia 26 de setembro: *"devido ao incêndio, temos muitas dificuldades financeiras para continuar a instalação do nosso projeto em Monchique. Temos acesso a duas nascentes, que ficam no local mais alto do nosso terreno. A ligeira inclinação e outras condições permitem a possibilidade de regar o solo graças à gravidade. Precisamos de construir um tanque para reservar água, também para o caso de virem futuros incêndios..."*

Nuno da Silva Carvalho, 42 anos, osteopata, professor, vive no Balsa Ameiro, Cabeça de Ferro, em Monchique-Alferce. Perdeu a sua habitação, a floresta autóctone, dois armazéns agrícolas, ferramentas, máquinas, uma casa em madeira, sistemas de rega e depósitos, cortiça, ... entre outros.

Nuno escreveu à Monchique Alerta no dia 2 de setembro: *"necessitamos de ajuda financeira para construir uma cisterna de água e um sistema anti-incêndio com aspersores..."*

Ana Rosário Nunes, 67 anos, e Carlos Alberto Abafa, 74 anos, professores reformados na área das Artes Plásticas, vivem na vila de Monchique. Têm uma floresta de sete hectares com espécies de sobreiro, medronheiro e castanheiro. Ardeu. A propriedade afetada localiza-se na freguesia de Monchique, junto à vila (a Norte), no cerro conhecido como Cerro do Toiro, Quinta do Bem Parece.

Ana escreveu à Monchique Alerta no dia 10 de setembro: *"sempre nos sentimos como cuidadores temporários de um espaço, neste caso, de uma pequena porção de floresta que nos foi entregue por outra geração e de que devemos cuidar de forma responsável, para a passarmos à próxima. Não é nosso objetivo o lucro, mas preocupamo-nos com a auto-sustentabilidade do espaço que cuidamos, porque acreditamos que essa é a melhor defesa desta pequena floresta que queremos preservar. Mas, como em todos os acordos, neste caso de pós-incêndio, é preciso cuidar do espaço, cuidar das árvores sobreviventes, criar espaço para estimular a regeneração natural e dar oportunidade de espaço e luz para que os sobreiros-bebé que já surgem no terreno possam crescer. Alguns novos terão mesmo de ser plantados e precisam da rega.*

Jelly (58) e Joop Boomsma (68), casal holandês e residente em Portugal, compraram em 1992 uma ruína na área de Arqueta, no sul da Nave, Monchique. Em cada ano, durante vários invernos, reconstruíram uma parte da sua casa até conseguiram inaugurar a nova habitação. Conseguiram reformar mais cedo devido uma grave doença que, entretanto, conseguiram curar. Na noite de 6 de agosto foram forçados pela GNR a sair da sua casa e abandonaram o sítio. Apesar de não existir material combustível à volta da sua casa, o edifício ardeu. Haviam limpo tudo, conforme a lei. Este foi um dos melhores exemplos de que não se deve, simplesmente, evacuar todos os proprietários. Folhas de eucalipto, queimando e voando, incendiaram a base do telhado da casa durante a sua ausência. Em 2020 vão começar de novo a reconstruir uma ruína, sem apoio, e com um empréstimo.

Jelly escreveu à Monchique Alerta no dia 11 de junho: *"não haviam bombeiros e a nossa casa ardeu completamente. Podíamos ter apagado o fogo com água."*